

**ENSINO DE HISTÓRIA E HISTÓRIA DO
BRASIL RECENTE: ENTREVISTA COM MARIA
HELENA ROLIM CAPELATO**

Entrevista realizada por ASSIS DANIEL GOMES¹



SOBRE A AUTORA

MARIA HELENA ROLIM CAPELATO

Historiadora. Pós-Doutora na Espanha-CSIC. Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Livre-docente em História da América Independente pela USP. Professora titular do departamento de História da USP. Bolsista de Produtividade em Pesquisa pela CNPq-Nível 1A. Pesquisa atual: “Batalha de imagens: artes visuais como armas de lutas políticas nas ditaduras militares brasileira e chilena”.



Entrevista realizada entre 3 de junho e 15 de julho de 2020, via e-mail.



¹ Doutorando em História pela Universidade Federal do Ceará. Coordenador do Núcleo de Pesquisa e Extensão em História, Filosofia e Patrimônio. Editor Chefe do Boletim Zumé. E-mail: historiaassis47@yahoo.com.

Assis Daniel Gomes (ADG): Professora Maria Helena Rolim Capelato (MHRC) a convidamos para a realização de uma entrevista para o Dossiê: Ensino de História e História do Brasil recente. A senhora aceita?

Maria Helena Rolim Capelato (MHRC): sim

ADG: Agradecemos pelo acolhimento. Professora Maria Helena Rolim Capelato, iniciamos essa atividade fazendo a seguinte pergunta: O que a motivou a pesquisar a história contemporânea do Brasil?

MHRC: Quando me preparava para o vestibular, minha preferência era por Ciência Política. No entanto, ao frequentar as aulas de História no “*Cursinho do Grêmio*”, me encantei com o

conhecimento do passado e, por este motivo, acabei optando pelo Curso de História.

Durante a graduação, a disciplina que mais me interessou foi o de História Contemporânea. Esta preferência explica minhas pesquisas sempre voltadas para esse período.

ADG: Quais os desafios enfrentados nos últimos anos no ensino e na pesquisa histórica sobre os temas mais recentes?

MHRC: A opção de pesquisa pelos temas mais recentes, ou seja, relacionados à chamada “História do Tempo Presente”, exige cuidado, ainda maior, com a objetividade, um dos preceitos básicos da nossa área. O distanciamento com relação ao tema é imprescindível.

ADG: Quais as dificuldades no uso da imprensa como objeto e fonte histórica? E o hoje, como vê o uso das redes sociais pelo historiador para produzir o seu saber?

MHRC: No que se refere a opção da imprensa como fonte ou objeto de estudo não era considerada legítima porque os jornais eram definidos como fonte secundária. Esta concepção foi se modificando a partir da década de 1970. Quando realizei, em parceria com Maria Lígia Prado, a pesquisa sobre o jornal *O Estado de S.Paulo*, tema da nosso Mestrado concluído em 1974, o trabalho foi considerado inédito. Este mérito coube ao nosso orientador *Carlos Guilherme Mota*, que escolheu este tema.

A partir desta experiência muitas outras pesquisas foram sendo realizadas na área de História.

ADG: Quais as rupturas e continuidades da cultura política do varguísmos até hoje?

MHRC: No que se refere a pesquisas relacionadas ao “varguismo”, definido como “populismo”, as primeiras análises em torno do tema, na maioria das vezes, tinham uma conotação pejorativa, associada à demagogia. No entanto, houve revisões

sobre esta concepção que privilegiava o papel do personagem, sem levar em conta os contextos, diversos, no qual Vargas atuou.

No final da década de 1970, surgiram análises sobre o período no qual ele atuou, ou seja, o personagem Vargas passou a ser inserido nos vários contextos de época no qual o líder atuou de formas diversas.

Tais revisões historiográficas acabaram questionando a denominação “Era Vargas”.

ADG: Qual o foi o seu trabalho de final de curso da graduação em história? Quais as dificuldades, enquanto graduanda, nos primeiros passos da pesquisa histórica?

MHRC: O Curso de Graduação em História da FFLCH/USP não exige trabalho final.

ADG: Quando relaciona o fazer histórico a objetividade estaria pensando na ética profissional que envolve a ciência histórica?

Poderia partilhar um pouco de sua experiência como docente e pesquisadora?

MHRC: No campo da história, não há relação entre objetividade e ética. A postura ética é essencial em qualquer profissão, seja na área das exatas, áreas da saúde e também em todas as áreas das humanidades.

No que diz respeito à objetividade, esta é uma regra básica da nossa disciplina que vale para a pesquisa em qualquer temporalidade, ou seja, da História Antiga à História Contemporânea. No entanto, neste último caso, a pesquisa exige um rigor maior porque o historiador que se dedica à chamada “História do Tempo Presente”, ou seja, a pesquisa de um tema que está muito próximo à vivência do pesquisador, neste caso, suas ideias e seus valores podem comprometer o trabalho. Por este motivo, a objetividade deve ser praticada com maior rigor.

ADG: Como você analisa a pesquisa histórica Contemporânea: suas dificuldades e avanços?

MHRC: A pesquisa da história contemporânea, que chamamos “História do Tempo Presente”, é sempre um desafio. Em primeiro lugar, estamos muito próximos das pesquisas de outras áreas das Ciências Humanas e não podemos nos valer dos métodos utilizados por pesquisadores, por exemplo, da sociologia, ciência política, economia.

ADG: Como foi a sua experiência como estudante na Ècole des Hautes Études en Sciences Sociaux? seus sabores e dissabores?

MHRC: Esta experiência foi extremamente importante para minha formação do ponto de vista teórico. A bibliografia era muita vasta e as obras publicadas naquele período, de autores que renovaram a historiografia, eram discutidas com professores e colegas.

Meu orientador, quando realizei o Doctorat d'Études Aprofondies, Profa. *George Haupt*, era um intelectual muito erudito e inovador. Em seus cursos, tive a oportunidade de conviver com alunos de vários países, alguns deles, vindos do

Leste Europeu, que tinham uma formação acadêmica muito particular. Minha experiência na École, abriu muito meus horizontes.

ADG: Aproveitando essa oportunidade ímpar em poder conversar com você, cujos livros tive a oportunidade de ler e que contribuiu significativamente em minha formação, como professor e pesquisador. Como, podemos, pensar o ensino de história hoje, especificamente para uma geração bombardeada por variados meio de comunicação?

MHRC: Não sou pessimista em relação ao bombardeamento dos meios de comunicação. Ao contrário, eles facilitam a vida dos alunos e dos professores. Neste momento, estou ministrando um curso de Graduação sobre História Social da Arte. Ele começou na forma presencial e, a partira da pandemia, passou a ser realizado online. Os novos recursos tornaram possível a continuidade do trabalho e, ouso dizer que, até facilita a preparação das aulas.

No entanto, o inconveniente maior é a ausência de contato direto com os alunos.

ADG: Como nos posicionarmos diante do discurso negacionista atual que desvaloriza a História (Ciência) e usa o passado para corroborar os seus interesses privados?

MHRC: O negacionismo é um dos piores males da atualidade. Temos que enfrentá-lo com todas as armas de que dispomos. A internet nos permite detectar esse tipo de crime e nos ajuda a denunciá-lo para um público muito mais amplo.

ADG: A partir de sua experiência na comissão responsável pelo prof-história, programa de impacto na formação continuada de professores e professoras. Quais os desafios para a sua implantação e manutenção?

MHRC: Quando participei da primeira equipe que implantou o prof-história, iniciamos este trabalho com muito empenho e esperança de que alunos de regiões distantes pudesse se

beneficiar dessa oportunidade. No entanto, não acompanhei os resultados dos trabalhos porque não tinha condições de atuar em muitas frentes.

ADG: Poderia nos falar um pouco sobre sua pesquisa atual: “Batalha de imagens: artes visuais como armas de lutas políticas nas ditaduras militares brasileira e chilena”.

MHRC: Esta pesquisa, financiada pelo CNPq, devo terminar até março de 2021. Confesso que estou tendo muito prazer em trabalhar com estas fontes. Vamos aguardar os resultados.

ADG: Agradecemos pela disponibilidade e abertura para a realização dessa entrevista.